

ANÁLISE CONSTRUTIVO INTERPRETATIVA DOS PROCESSOS SUBJETIVOS DA ROTINA DOCENTE UNIVERSITÁRIA

Interpretative constructive analysis of the subjective processes of the university teacher routine

Analyse constructive interprétative des processus subjectifs de la routine d'enseignement universitaire

Análisis constructivo interpretativo de los procesos subjetivos de la rutina de profesores universitarios

Luís Fernando Martins Ribeiro¹
Uniceub, Faces, Brasília, DF, Brasil²

Valéria Deusdará Mori³
Uniceub, Faces, Brasília, DF, Brasil

Resumo

Nesse trabalho, discute-se como o professor universitário no contexto contemporâneo está submetido a diferentes condições de trabalho que podem ser configuradoras de processos subjetivos diversos. Assim, considerando a rotina docente e as exigências impostas às suas carreiras, percebe-se que tanto a subjetividade social quanto a subjetividade individual são mobilizadas emocional e simbolicamente na configuração dos processos de trabalho. A discussão está orientada pela teoria da subjetividade, com base no enfoque cultural histórico, proposta por González Rey. A subjetividade é definida como sistema individual e social em que um sistema não se esgota no outro. O objetivo desta pesquisa foi compreender os processos subjetivos relacionados à atividade acadêmica e avaliar como os docentes têm vivenciado de forma saudável ou não a rotina acadêmica, tanto em termos de diferentes exigências como na consequente intensificação da atividade docente. O estudo proposto baseia-se nos pressupostos da epistemologia qualitativa que está na base do método construtivo interpretativo proposto por González Rey. Com base nos resultados obtidos, a partir do processo dialógico realizado, foi possível discutir a configuração da subjetividade social nesses contextos e seus desdobramentos nos processos individuais de saúde.

Palavras chave: Docência; Subjetividade; Saúde.

Abstract

In this paper, we discuss how the university professor in the contemporary context is subjected to different working conditions that can configure different subjective processes. Thus, considering the teaching routine and the demands imposed on their careers, it is clear that both social subjectivity and individual subjectivity are mobilized emotionally and symbolically in the configuration of working processes. The discussion is guided by the theory of subjectivity, based on the historical cultural approach proposed by González Rey. Subjectivity is defined as an individual and social system in which one system does not exhaust itself in the other. The objective of this research was to understand the subjective processes related to academic activity and to evaluate how teachers have experienced healthy or not at the academic routine, both in terms of different demands and consequent intensification of teaching activity. The research is based on the assumptions of the qualitative epistemology that underlies the interpretative constructive method proposed by González Rey. Based on the results obtained, from

¹ martins.luisf@gmail.com

² 707/907 - Campus Universitário, SEPN - Asa Norte

³ morivaleria@gmail.com

the dialogical process performed, it was possible to discuss the configuration of social subjectivity in these contexts and its consequences in the individual health processes.

Keywords: Teaching; Subjectivity; Health.

Résumé

Dans cet article, nous discutons de la manière dont le professeur d'université est soumis à différentes conditions de travail pouvant être configurateurs de différents processus subjectifs. Compte tenu de la routine d'enseignement et des exigences imposées à leur carrière, il est clair que la subjectivité sociale et la subjectivité individuelle sont mobilisées émotionnellement et symboliquement dans la configuration des processus de travail. La discussion est guidée par la théorie de la subjectivité, basée sur l'approche culturelle historique proposée par González Rey, qui définit la subjectivité comme un système individuel et social dans lequel système ne s'épuise pas dans l'autre. L'objectif de cette recherche était de comprendre les processus subjectifs liés à l'activité académique et d'évaluer comment les enseignants ont expérimenté la routine académique de manière saine ou non, à la fois en termes de demandes différentes et d'intensification conséquente de l'activité d'enseignement. La recherche proposée est basée sur les hypothèses de l'épistémologie qualitative qui sous-tendent la méthode interprétative constructive proposée par González Rey. Sur la base des résultats obtenus, à partir du processus dialogique réalisé, il a été possible de discuter de la configuration de la subjectivité sociale dans ces contextes et de ses conséquences sur les processus de santé individuels.

Mots clés: Enseignement; Subjectivité; Santé.

Resumen

En este artículo, discutimos cómo el profesor universitario en el contexto contemporáneo está sujeto a diferentes condiciones de trabajo que pueden ser configuradores de diferentes procesos subjetivos. Considerando la rutina de enseñanza y las demandas impuestas en sus carreras, tanto la subjetividad social como la subjetividad individual se movilizan emocional y simbólicamente en la configuración de los procesos de trabajo. La discusión se guía por la teoría de la subjetividad, basada en el enfoque cultural histórico propuesto por González Rey. La subjetividad se define como sistema individual y social en el que un sistema no se agota en el otro. El objetivo de esta investigación fue comprender los procesos subjetivos relacionados con la actividad académica y evaluar cómo los docentes han estado experimentando una rutina académica de manera saludable o no, tanto en términos de diferentes demandas como de la consecuente intensificación de la actividad docente. La investigación se basa en los supuestos de la epistemología cualitativa que subyace al método constructivo interpretativo propuesto por González Rey. Con base en los resultados obtenidos, a partir del proceso dialógico realizado, fue posible discutir la configuración de la subjetividad social en estos contextos y sus consecuencias en los procesos de salud individuales.

Palabras clave: Enseñanza; Subjetividad; Salud.

Introdução

As atuais exigências que fazem parte da rotina do professor universitário estão quase que exclusivamente vinculadas aos processos de avaliação estabelecidos pelos órgãos de fomento. Neste contexto, tem-se dado um excessivo valor à produção de artigos em revistas indexadas. Percebe-se com esta situação que a grande maioria das atividades docentes tem perdido o seu valor em detrimento de exigências severas de publicação. Essas exigências evidenciam-se tanto no contexto de pós-graduação de ensino privado quanto público. A docência é afetada pelas diferentes exigências da configuração dos processos de trabalho nesses contextos. Nesse sentido, compreender os processos da subjetividade social desses espaços é importante, pois nos possibilita, da mesma forma, compreender seus efeitos na rotina docente.

Esse trabalho tem como foco a discussão de diferentes processos subjetivos de professores universitários do ensino público.

Alves (2003), ao se referir a estes critérios, diz ter descoberto que para este sistema de avaliação não existem mais docentes, apenas pesquisadores. Estes “novos” docentes, com base nestas novas exigências, têm que escrever e publicar meia dúzia de artigos de qualidade (Qualis CAPES) em revistas indexadas, lidos por poucos pesquisadores.

Adicionalmente, a esta condição percebe-se que tal processo de avaliação gera um grande desafio ao docente, já que a sua manutenção nos programas de pós-graduação e o acesso a recursos financeiros estão diretamente vinculados a sua produção e qualificação científica.

Percebe-se ainda que a concorrência entre docentes tem se tornado uma condição constante nessa nova rotina e mais especificamente no contexto dos cursos de pós-graduação. Essa concorrência exagerada baseada nas premissas de sobrevivência própria no contexto de recursos financeiros e alta qualificação tem ocorrido tanto entre docentes do mesmo programa como em diferentes programas da mesma instituição e de forma mais abrangente entre os diversos centros de pesquisas.

Assim, considerando essa rotina intensa de trabalho e as exigências impostas nas carreiras docentes, percebe-se que a rotina acadêmica está conduzindo os professores ao adoecimento: a um permanente quadro de estresse, à depressão, à ansiedade tipificado em um esgotamento físico e mental. Esta condição certamente nos leva a pensar quais seriam os aspectos mais relevantes no contexto da rotina docente e sua configuração como processo subjetivo que se expressa em processos de adoecimento.

Neste contexto, destaca-se a necessidade de se desenvolver pesquisas que investiguem os diferentes processos relacionados às condições envolvidas na rotina docente atual, bem como o impacto destas atividades em diferentes esferas da vida desses profissionais, de modo que caminhos alternativos à situação atual sejam vislumbrados.

Uma análise mais criteriosa dos aspectos na rotina docente se torna imperiosa no sentido de compreender as diferentes implicações nos processos de saúde do docente. A saúde não é um processo divorciado de outras áreas da vida da pessoa e é importante reconhecer sua organização como processo subjetivo. O que implica refletir sobre a forma como o trabalho tem expressão em diferentes produções subjetivas, não por uma relação de causa e efeito, mas pela sua organização em processos simbólico emocionais. A compreensão da configuração desses processos pode contribuir para que estratégias possam ser discutidas em relação ao trabalho docente e da mesma forma como os docentes podem gerar alternativas de saúde no contexto do trabalho contemporâneo.

Dessa forma, o objetivo dessa pesquisa foi compreender os processos subjetivos relacionados à atividade acadêmica e avaliar como os docentes têm vivenciado de forma saudável ou não a rotina acadêmica, tanto em termos de diferentes exigências como na consequente intensificação da atividade docente.

A justificativa desta pesquisa encontra-se na análise sobre a intensificação do trabalho docente nos últimos anos em vista das exigências atuais impostas nas carreiras docentes e o aumento do adoecimento no trabalho. Esta condição tem se mostrado configuradora do desenvolvimento de uma emocionalidade que muitas vezes tem como resultado o adoecimento e a incapacidade de gerar alternativas de saúde nos processos de vida. São processos subjetivos que se constituem pela forma como a sociedade contemporânea organiza-se em relação aos diferentes discursos e representações dominantes.

Trabalho docente e sociedade contemporânea

A competitividade tem se caracterizado como uma expressão básica da sociedade ocidental capitalista (Rattner, 2009). Bauman (2003) destaca que “vivemos em tempos implacáveis, tempos de competição e de desprezo pelos mais fracos” (p. 08). Segundo o autor, permanecer no mercado de trabalho demanda do indivíduo “toda sua capacidade, sua vida inteira e toda sua personalidade” (Bauman, 2003, p. 08) e, contudo, não há nenhuma garantia de sua manutenção. Observa-se que, a competitividade, que perpassa as relações entre nações, empresas, redes de comércio e indústria, também se estende para o ambiente acadêmico. Assim, a academia expressa, através de processos da sua subjetividade social, a competitividade que configura o ambiente universitário, pautando, em certa medida, as relações estabelecidas em seu interior. Na academia, essa proposição ocorre em alguma medida, no processo de alcançar a excelência, tanto relacionado aos professores quanto aos alunos, cujo reconhecimento ocorre na medida em que suas atividades, suas produções se destacam nesse ambiente.

A competitividade é também fomentada pelas exigências estabelecidas pelas agências de fomento à pesquisa, cujo cumprimento favorece a concessão de bolsas-pesquisa para professores e alunos, e pode melhorar mantém ou melhoram os indicadores de qualidade dos currículos desses indivíduos (Bosi, 2011). Observa-se que estas atuais exigências reduzem a rotina do professor universitário quase que exclusivamente aos processos de avaliação estabelecidos pelos órgãos de fomento.

Com relação aos professores universitários, em específico, essas exigências incluem constante produção científica, publicação dos resultados, formação continuada de recursos

humanos, liderança de grupos, participação em bancas e congressos, participação em programas de pós-graduação, supervisão e orientação de alunos, entre outras atribuições (Bosi, 2011; Santana, 2011).

Os programas de pós-graduação, na busca de sua excelência, exigem cada vez mais dos docentes. Publicações, orientações, captação de recursos e a própria manutenção como pesquisador tem demandado um grande esforço dos docentes. Esta condição tem mudado o contexto de atuação docente, em que a grande maioria das atividades docentes tem perdido o seu valor em detrimento as exigências severas de publicação (Alves, 2003). Segundo Alves (2003), não existem mais docentes, apenas pesquisadores, na sua visão, pesquisadores voltados quase que exclusivamente a competir entre si e a superar seus próprios limites e suas capacidades físicas e intelectuais. O autor refere-se ao trabalho do professor de universidades públicas. Evidentemente, essas se diferenciam das exigências do ensino privado. Pensamos importante ressaltar que ainda que possam existir diferenças, o trabalho docente tem se precarizado pelas diferentes demandas e processos institucionais.

As atuais exigências que abrangem a rotina do professor universitário têm sido alvo de discussão em diferentes estudos (Bianchetti, 2008; Bosi, 2011; Silva, 2008), e alguns deles problematizam diferentes processos orgânicos e psicológicos que estão relacionados com o ritmo de trabalho desses profissionais. O anterior não tem relação direta com a forma como a subjetividade social dos espaços acadêmicos se configura, mas expressa a forma como os diferentes processos são subjetivados e estão relacionados com a qualidade das relações e a própria configuração da sociedade contemporânea e seus aspectos relacionados ao trabalho. Bem expresso por Mancebo (2006) sobre a forma como afeta os espaços de ensino e aprendizagem universitários:

Passam a pautar-se (contexto de trabalho nas universidades) mais profundamente pelo individualismo, pela competição entre instituições educacionais e, entre os pares, pela supervalorização das avaliações com viés pseudomeritocrático, pelo imediatismo em relação às demandas do mercado de trabalho e, enfim, por uma construção ideológica cuja lógica é a do desmonte da educação como direito social e como compromisso social coletivo (MANCEBO, 2006, p.44).

Assim, considerando essa rotina intensa de trabalho e as exigências impostas nas carreiras docentes, Bosi (2011) considera que a rotina acadêmica está conduzindo os professores ao adoecimento: a um permanente quadro de estresse, à depressão, ao esgotamento físico. Alguns estudos têm endossado essa afirmação, como é o caso de Meis et al. (2003) que correlacionam a prática docente com a síndrome de Burnout, e o de Santana (2011), que

apresenta uma correlação positiva entre a rotina exaustiva do professor universitário e uma maior incidência de doenças cardiovasculares observada nessa população.

Nessa direção, Santana (2011) discorre sobre a relação diretamente proporcional “entre as doenças cardiovasculares e o número de orientandos e de produção científica por ano” do pesquisador. Acrescenta-se ainda a complementação destes estudos na alerta feita por Silva (2008) para a crescente incidência de doenças mentais entre professores-pesquisadores, como depressão, estresse e síndrome do pânico, bem como para o consumo frequente de psicotrópicos como antidepressivos, ansiolíticos e antiestressantes por essa população.

Observa-se também a partir do trabalho de Bosi (2011) uma análise sobre a intensificação do trabalho docente nos últimos 20 anos. Esse autor acrescenta que, compete ao professor universitário inúmeras atividades e que a rotina atual de trabalho é capaz de ocupar cada vez mais espaço na vida do professor, que chega a cumprir uma jornada de trabalho de 60, 70 horas semanais. Essa nova rotina faz com que o professor universitário se envolva em captar recursos, cada vez mais escassos e disputados, para suas pesquisas; organizar e participar de eventos; orientar mestrado, doutorado e iniciações científicas; participar de bancas examinadoras de mestrado, doutorado e concursos; pesquisar; publicar artigos em revistas mais bem avaliadas, de acordo com os critérios QUALIS de classificação de periódicos científicos estipulados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); prestar consultorias; produzir patentes; prestar diversos serviços; ministrar aulas, sempre tendo em vista prazos apertados.

A subjetividade como processo no trabalho docente

Os processos discutidos anteriormente têm desdobramentos subjetivos diversos tanto individualmente quanto socialmente. A subjetividade (González Rey, 2017a) é uma categoria que implica pensar na forma como os processos humanos se configuram. Não significa o individual em abstrato e tampouco o social, mas sim sua articulação como sistema em processos simbólico-emocionais que se organizam ao vivermos diferentes experiências individuais numa sociedade concreta. A subjetividade se organiza em sentidos subjetivos definidos por González Rey (2017b) como:

A relação particular que se produz entre processos simbólicos e as emoções num espaço de atividade culturalmente delimitado do indivíduo, no qual ambos os processos se implicam de forma recíproca sem que um seja a causa da aparição do outro (REY, 2017b, p.54).

Dessa forma, a experiência da docência não tem um efeito direto sobre a saúde do professor, mas os sentidos subjetivos produzidos nas diferentes esferas da vida se integram aos processos atuais e configuram a forma como o momento atual é subjetivado. Participam dessa gênese tanto a subjetividade social quanto a individual, pois se constituem mutuamente. Os processos subjetivos configurados no adoecimento se expressam em diferentes sentidos subjetivos que significam pensar a forma como pessoas ou grupos vivem uma experiência (Mori & González Rey, 2011).

As diferentes contradições que tensionam a subjetividade tanto social quanto individual têm efeitos diversos nas pessoas. A experiência vai se configurando subjetivamente de forma recursiva entre os dois sistemas o que “implica compreender a organização da experiência da pessoa desde uma perspectiva processual, sendo impossível descrever fenômenos diversos a partir da forma como se apresentam externamente sem nenhuma articulação com a forma como o indivíduo sente sua experiência” (Mori & Goulart, 2019, p. 130). Ou seja, a docência e suas exigências vão sendo subjetivadas pelos diferentes indivíduos e não têm uma forma universal de configuração. São processos singulares que podemos compreender a partir dos efeitos colaterais em pessoas que têm histórias de vida diferentes. Os sintomas não são expressão direta da forma como vivenciamos algo, eles integram a organização de processos subjetivos em nível mais complexo que não estão evidenciados de forma direta.

As diferentes representações sobre trabalho, a convivência com outros docentes, a competitividade, o perfeccionismo, a insatisfação e o contexto social associado a carreira docente são alguns dos processos que conformam a subjetividade social das instituições. Assim sua configuração tem múltiplas repercussões para a saúde humana que não podem ser definidos por uma relação de causalidade senão pelos efeitos associados ao processo de ‘viver a rotina’ docente. Os sentidos subjetivos produzidos nessa experiência podem mobilizar produções subjetivas alternativas que possibilitam avançar e não se submeter de forma acrítica aos discursos hegemônicos ou ao contrário, não são facilitadores de novos posicionamentos no curso da experiência.

As exigências do cotidiano docente, apresentadas no início desse trabalho, podem gerar contradições e mal-estar. É importante evidenciar a forma como a subjetividade social tem se configurado e é caracterizada pelo não reconhecimento das necessidades individuais. A dificuldade de posicionamentos próprios gerados pelo medo, por exemplo, pode ser danosa para a saúde das pessoas que participam desses espaços. Certamente não há relação direta entre a subjetividade social e a pessoa, mas sua forma de organização pode ter desdobramentos para a

qualidade das relações de trabalho e dos diferentes sistemas de relações dos docentes para além do trabalho.

Método

Essa pesquisa se apoia no método construtivo interpretativo proposto por González Rey (2005, 2019) que tem como base a epistemologia qualitativa, do mesmo autor, que se apoia em três princípios fundamentais:

i. O caráter construtivo interpretativo do conhecimento – o processo de conhecimento não se organiza por modelos prontos a priori, mas pela capacidade do pesquisador de articular teoria e ideias próprias no processo de construção de informação.

ii. A legitimidade do singular – significa reconhecer o valor do caso singular para produção teórica pela sua possibilidade de abrir novos caminhos de significação.

iii. A pesquisa como processo de comunicação dialógica – a pesquisa é um espaço social em que o diálogo se organiza pelo engajamento dos envolvidos no processo da pesquisa (pesquisador e participantes).

O instrumento utilizado foi a dinâmica conversacional que se caracteriza por uma conversação livre sem roteiro feito a priori, “o pesquisador desloca-se do lugar das perguntas para integrar-se na dinâmica de conversação” (González Rey, 2005, p. 45). Os processos de comunicação são importantes vias de produção de informação em espaços relacionais. A conversação possibilita, de forma gradual, o envolvimento dos participantes, facilitando a emergência de sentidos subjetivos diversos.

Nesse método, a análise e construção de informação são organizados a partir da construção de indicadores que são significados gerados pelo pesquisador a partir da expressão do participante, não pela sua correspondência direta pelo que fala o participante, mas pelas conjecturas que o pesquisador elabora a partir das informações. É a partir dos indicadores que se organizam as hipóteses no processo de interpretação que são a base dos modelos teóricos desenvolvidos na pesquisa (González Rey, 2017a).

Na proposta do estudo foi primeiramente avaliado qual o grupo de participantes seriam interessantes para os objetivos da pesquisa. Por se tratar de um processo de avaliação da atual rotina docente optou-se por concentrar em grupos de docentes que atuavam de forma direta em programas de pós-graduação de uma instituição pública de ensino superior. Foi feita uma reunião inicial com os possíveis participantes a respeito das características da pesquisa e os

decentes que se sentissem motivados poderiam entrar em contato e conseqüentemente formalizar a sua participação. Nesse trabalho, foram utilizados trechos de informação de um participante da pesquisa. Foram realizados 3 encontros, um deles com o grupo de participantes da pesquisa e dois individualmente com o participante da pesquisa apresentada nesse trabalho. Essa pesquisa foi aprovada no comitê de ética e pesquisa de uma instituição de ensino superior com parecer n. 3.432.511/19 registro CAAE: 12056919.0.0000.0023.

Análise e construção de informação

Nesse método, a análise e construção de informação são organizadas a partir da construção de indicadores que são significados gerados pelo pesquisador a partir da expressão do participante, não pela sua correspondência direta pelo que fala o participante, mas pelas conjecturas que o pesquisador elabora a partir das informações. É a partir dos indicadores que se organizam as hipóteses no processo de interpretação que são a base dos modelos teóricos desenvolvidos na pesquisa (González Rey, 2017a).

Resultados e discussão

Pesquisador: “Como você sente a carga de trabalho na universidade?”.

Participante: “Eu acho que a carga horária da gente de aula tem que ser menor, difícil conciliar essa carga em sala e pesquisa. Quando morei nos Estados Unidos, ficava perguntando sobre a carga horária para colegas de outros países que estavam fazendo doutorado lá. Eles têm no máximo o que a gente tem aqui como mínimo que são 8 horas, ou seja, 8 horas em sala de aula e aqui o professor tem muita coisa administrativa por sermos um país burocrático né? Então é muito puxado. Dá para melhorar, estou muito frustrado com a quantidade de coisas que a gente faz que é de nível administrativo.”

Nesse trecho, temos indicador dos processos da subjetividade social da universidade que se expressam na forma como o tempo do docente é organizado. A subjetividade social não tem relação direta com a forma como a pessoa sente o que está vivendo, mas constitui os diferentes processos subjetivos individuais. Dessa forma, a subjetividade como sistema se configura na tensão desses dois processos como se expressa nesse trecho. O participante expressa a contradição em relação ao trabalho que realiza. Essas contradições muitas vezes podem ser geradoras de processos subjetivos que não facilitam a relação com o trabalho e muitas vezes resultam na incapacidade de gerar alternativas saudáveis nesse contexto.

O sentimento de frustração é indicador da dificuldade para gerar posicionamentos novos relacionados ao tipo de rotina docente. O participante sente os problemas a partir de causas externas que não possibilitam mudar seu modo de vida. A sua expectativa está centrada na mudança da subjetividade social, o que é importante de fato, mas uma vez que a situação nos gera mal-estar é importante refletir sobre possibilidades de outras alternativas de organização do tempo.

Os efeitos de diferentes experiências na vida das pessoas não se expressam de forma direta, pois “a subjetividade não tem causas externas, ela expressa produções diante de situações vividas” (González Rey, 2017, p. 51). O que resulta importante compreender como diferentes experiências são subjetivadas pelas pessoas.

Temos outro trecho que se articula com o anterior:

Pesquisador: “Há um processo de falta de recursos e para conseguir recursos tem que ter um bom currículo, para conseguir um bom currículo é importante publicação e orientação, como é que você percebe isso?”

Participante: “Cobrança tem que ter, mas temos que ter cuidado com os critérios de cobrança. Eu não acredito que quantidade é qualidade, sinto a pressão, mas existiria em qualquer emprego. O problema que o governo quer cobrar da gente uma produção americana nas condições brasileiras.”

Outro indicador da configuração da subjetividade social, a produtividade em abstrato que não leva em conta as características singulares do país que vivemos e das pessoas no contexto da pós-graduação. O participante reconhece que o trabalho, qualquer que seja ele, tem suas exigências, o que evidencia sua capacidade de reflexão e não vitimização nesse processo. Por outro lado, sente também como excessivo os critérios. Os critérios não são ponto isolado, pois a forma como a competitividade toma forma na subjetividade social se expressa também na forma como os critérios são definidos. É uma forma de diferenciação entre pares, mas evidencia a exploração da jornada de trabalho para o sucesso, de quem ou de que?

Interessante notar que o participante tem reflexão interessante sobre essa forma de cobrança o que implica pensar na possibilidade de posicionamentos em instituições que podem favorecer mudanças em outro nível como bem expresso por González Rey (2017):

“[...]os indivíduos e espaços microssociais que se organizam em um espaço macrossocial podem desenvolver produções subjetivas alternativas às formas ideológicas hegemônicas, que se subordinam, por sua vez, a outras produções simbólicas dentro da realidade social. Nesse processo, tais indivíduos e espaços microssociais tornam-se sujeitos de mudança e resistência” (REY, 2017, p.65).

Em outro trecho, o participante relata como esses critérios são sentidos por ele:

Pesquisador: “Como você se sente com essa meta de produtividade? Gera ansiedade?”

Participante: “Ansiedade não é a palavra certa, eu tenho uma meta. Quero produzir uma quantidade de artigos X por ano agora que já não estou em cargos administrativos. Assim como vendedor tenho metas de produção”.

A forma como a subjetividade social se configura tem desdobramentos nos processos individuais do participante. E se expressa na necessidade de gerenciar seu tempo para produzir mais. Como mencionado acima, a organização da subjetividade não é universal, dessa forma, a exigência para o participante mobiliza recursos para agir, ele não se sente subordinado a critérios externos a ele. Importante evidenciar como o participante produz subjetivamente em relação a essa experiência. A sua capacidade para avançar expressa processos subjetivos que não estão relacionados unicamente com o trabalho, mas sentidos subjetivos diversos que são organizados em diferentes áreas da sua vida e que na convergência com outros sentidos subjetivos relacionados ao trabalho possibilitam uma forma de ação mais favorável. Avançar em relação à subjetividade social institucional é um desafio, pois as instituições tendem a ser conservadoras. O que representa contradições para as pessoas que participam delas, bem expresso no trecho a seguir:

Pesquisador: Em relação ao que você comenta, a necessidade de produção acadêmica gerou comprometimento na sua saúde?

Participante: Eu nunca tive um dia de chutar a porta. Com a doença que eu tive agora, eu pensei muitas coisas. Se fosse por estresse, teria que ter sido na época da coordenação. Talvez a minha volta para o Brasil e a necessidade de organizar tudo. A doença não tem uma explicação, é um defeito. Não sei o que foi o gatilho, se é que teve. É uma doença autoimune.

A representação que o participante tem sobre saúde nos possibilita pensar como muitas vezes tentamos estabelecer um paralelo entre uma situação concreta e o adoecimento, ainda que na expressão do participante isso apareça de forma contraditória. Os processos de adoecimento não se organizam de forma pontual em relação a um evento específico. A saúde e a doença como processos subjetivos nos levam a refletir sobre a processualidade do vivido. As diferentes configurações subjetivas não se evidenciam nos sintomas, mas na forma como emergem nas representações e comportamentos do cotidiano. Interessante notar que para ele a reação de raiva é a forma esperada nas situações difíceis, mas não é a sua forma de agir; a contradição se evidencia aqui pela necessidade de explicar que seu comportamento não é esse.

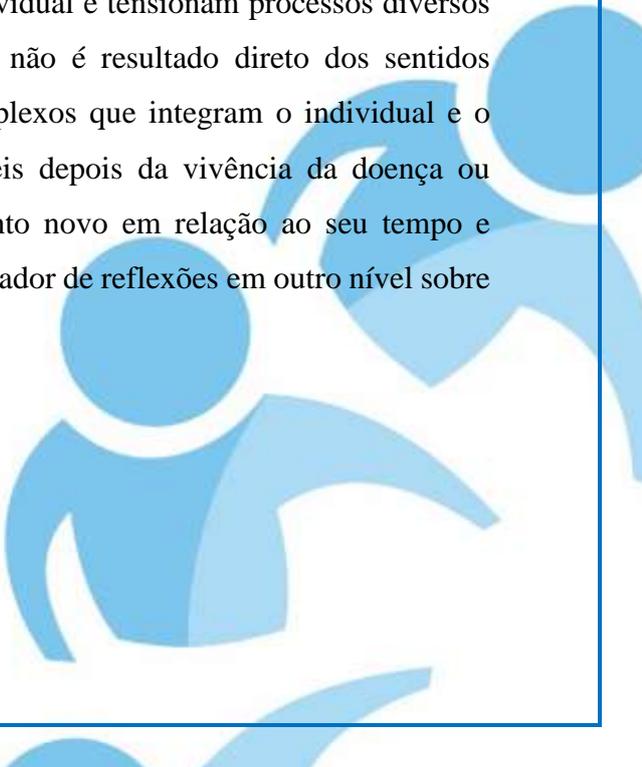
Os indicadores produzidos sobre a subjetividade social dos contextos universitários nos possibilitam reconhecer que sua organização tem desdobramentos para a subjetividade individual através de efeitos colaterais. O participante não adoce em razão do trabalho diretamente, mas o trabalho se organiza como produção subjetiva. Ainda que os sintomas

apareçam tempos depois de uma situação de tensão, no caso a coordenação do curso, essa experiência mobiliza sentidos subjetivos que se organizam em novos processos para além da representação consciente da pessoa. As diferentes contradições que se expressam nos diferentes trechos de informação evidenciam a forma como sentidos subjetivos diversos configuram uma experiência concreta e não estão subordinados à intencionalidade da pessoa (González Rey, 2011). Nos diferentes trechos evidencia-se o valor do trabalho para o participante, e outros contextos, para além do trabalho, não aparecem nesses momentos de diálogo. O que pode ser indicador do trabalho como configuração dominante na vida do participante. E expressa como o trabalho na sociedade contemporânea tem protagonismo que muitas vezes pode gerar uma emocionalidade danosa para os processos do cotidiano.

Pesquisador: você teve consequências mais graves desse processo todo?

Participante: Não, mas depois do diagnóstico eu faço exercícios físicos, eu como melhor hoje, tenho mais tempo para me dedicar a minha família. Entende? Mais do que na época da coordenação, pois na coordenação você está sempre atrasado com o que deve ser feito.

Esse é o primeiro trecho em que o participante fala sobre sua família. É indicador da forma como o trabalho aparece em primeiro plano na sua vida. Esse indicador é congruente com o indicador do trecho anterior possibilitando hipotetizar sobre a forma como seu tempo pessoal está orientado para atender a questões de trabalho em detrimento da família. A naturalização do cotidiano faz com que a pessoa perca sua capacidade de reconhecer o mal-estar gerado em alguns espaços de vida, no caso do participante, o trabalho. A configuração do cotidiano é organizada por sentidos subjetivos diversos associados, por exemplo, a gênero e a processos socioeconômicos (González Rey, 2011). Dessa forma, esses sentidos subjetivos passam a fazer parte de processos da subjetividade individual e tensionam processos diversos sem que a pessoa tenha consciência. O adoecimento não é resultado direto dos sentidos subjetivos, mas são expressão de processos mais complexos que integram o individual e o social. O participante desenvolve alternativas saudáveis depois da vivência da doença ou sintoma mais grave, o que expressa um posicionamento novo em relação ao seu tempo e relações familiares. Esse posicionamento pode ser facilitador de reflexões em outro nível sobre a organização do seu cotidiano.



Considerações finais

O caso apresentado nos permite avançar na compreensão sobre os processos de adoecimento como configuração processual e não pela expressão de sintomas. Ainda que diferentes categorias definam sintomas, ansiedade por exemplo, elas não podem ser tomadas em abstrato sem que se estude a forma como se expressam em experiências individuais. Os processos subjetivos se organizam a partir de diferentes experiências humanas e estão constituídos pelo social e o individual numa cultura específica. Os processos de saúde e doença se organizam pela forma como a pessoa subjetiva diferentes experiências de vida, por essa razão para compreender a forma como docentes vivenciam as diferentes exigências da rotina acadêmica evidencia processos da subjetividade social e da subjetividade individual.

A subjetividade social é uma categoria importante para gerar inteligibilidade sobre os processos emocionais e simbólicos de um contexto específico, no caso em questão a universidade. A forma como o trabalho docente tem se organizado tem gerado mal-estar pela qualidade dos processos que se configuram nesse cenário. Processos esses que não estão dissociados da subjetividade social de forma mais ampla. Han (2018) faz uma leitura fundamental sobre o contexto contemporâneo ao enfatizar que temos uma psicopolítica como forma de domesticar os processos psicológicos através da superação de resistências para a otimização da produtividade.

Essa forma de domesticação não é imposta às pessoas, mas é a configuração de processos da subjetividade social que se expressam pela competitividade, status, ganhos financeiros e outros. E em sociedades como a brasileira esses são processos simbólicos que tem grande repercussão em processos da subjetividade individual. O que se evidencia no aumento de diferentes transtornos pela própria contradição entre as possibilidades e necessidades com a frustração, medo que caracterizam a relação com o trabalho em grande medida hoje.

Compreender como as configurações subjetivas de diferentes experiências de vida se organizam é importante para que se avance em relação à universalização de sintomas e processos. A ideia de configuração subjetiva facilita a compreensão dos processos humanos na sua multiplicidade, pois integra sentidos subjetivos associados a experiências muito distintas das pessoas. Nenhum fato ou pessoa é determinante de uma produção subjetiva pontual. A subjetividade se organiza pelos diferentes efeitos que uma situação tem, efeitos esses que estão atrelados a processos históricos e culturais. A produção de saber nesse campo deve orientar as ações profissionais para esse grupo, no sentido de dar visibilidade para a singularidade desses processos.

Pensamos ser importante diferentes pesquisas nesse tema, pois muitas vezes os processos institucionais têm efeitos diferentes na maneira como os docentes vivem o trabalho. Da mesma forma, docentes de instituições privadas e públicas sentem as situações descritas nesse trabalho de uma maneira que não podemos generalizar, pois são situações e demandas distintas a depender da instituição. O adoecimento no trabalho tem sido uma situação preocupante no cenário contemporâneo, é interessante compreendermos os processos subjetivos que tomam forma tanto individualmente quanto socialmente. Esse estudo possibilitou uma análise que evidencia aspectos importantes, mas essa é uma pesquisa em andamento que pensamos que poderá contribuir para o aprofundamento de pontos não contemplados aqui.



REFERÊNCIAS

- Alves, R. (2003, setembro 8) *Entrevista concedida ao Programa Roda Viva, da Rede Brasil – TV Cultura*. <https://www.youtube.com/watch?v=TUGIBp3D90Y>
- Bauman, Z. (2003). *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Zahar
- Bianchetti, L. (2008). Pós-graduação em educação: processo e resultados de uma "indução voluntária". *Universidade e Sociedade*, 17(41), 143-161.
- Bosi, A. P. (2011). Feios, sujos e malvados: intensificação do trabalho docente e produtividade. *Educação e sociedade*, 20(47), 133-148.
- González Rey, F. (2003). Sujeito e subjetividade: um enfoque histórico cultural. Thonsom.
- González Rey, F. (2005). Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção de informação. Thonsom learning.
- González Rey, F. (2011). Subjetividade e saúde: superando a clínica da patologia. Cortez.
- González Rey, F. (2019). Epistemologia qualitativa vinte anos depois. In A. Mitjans Martinez, & F. V. González Rey, (Orgs.). *Epistemologia qualitativa e teoria da subjetividade: discussões sobre educação e saúde* (pp. 21-45). EDUFU.
- González Rey, F. (2017). Subjetividade: teoria, epistemologia e método. Alínea.
- Han, B.-C. (2018). *Psicopolítica - o neoliberalismo e as novas tendências de poder*. Ayné.
- Meis, L., Velloso, A., Lannes, D., Carmos, M. S., & Meis, C. (2003). The growing competition Brazilian science: rites of passage, stress and burnout. *Brazilian Journal of Medical and Biological Research*, 36(9), 1135-1141.
- Mori, V. D., & González Rey, F. (2011). Reflexões sobre o social e o individual na experiência do câncer. *Psicologia e Sociedade*, 23(spe), 99-108. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822011000400013>
- Mori, V., & Goulart, D. (2019). Subject and subjectivity in psychotherapy: a case study. In F. González Rey, A. Mitjans Martinez, & D. Goulart, (Orgs.). *Subjectivity within cultural-historical approach* (pp. 231-244). Springer.
- Rattner, H. (2009). Os limites da competitividade. *Revista Espaço Acadêmico*, 9(99), 47-50.
- Santana, O. C. (2011). Docentes de pós graduação: grupo de risco de doenças cardiovasculares. *Acta Scientiarum Education*, 33(2), 219-226.
- Silva, G. (2008). Sob aparente desistência, trabalhadores do ensino sofrem, doentes, com a síndrome de Burnout. *Universidade e Sociedade*, 17(41), 133-142.